

A Aposta "Gaullista" de Kostunica

Jacques Rupnik

Com as forças políticas moderadas no poder nos Balcãs, este pode ser o momento certo para o novo Presidente jugoslavo, Vojislav Kostunica, fazer um gesto ousado. Inspirando-se no general De Gaulle, que pôs termo à guerra da Argélia e à "Argélia francesa", Kostunica deveria antecipar o inevitável: a independência do Kosovo. E libertar a Sérvia do fardo da guerra e da ideologia nacionalista.

A vitória de Vojislav Kostunica em Belgrado, tal como a dos amigos de Ibrahim Rugova em Pristina, consagra a chegada ao poder dos nacionalistas moderados nos Balcãs. Depois de uma década de guerra propícia, em cada um dos campos, aos defensores de um nacionalismo étnico radical, a queda de Milosevic confirma uma viragem já iniciada nos países vizinhos da Sérvia.

Na Croácia, desde o desaparecimento no fim do ano passado do Presidente Tudjman, uma coligação de adversários do antigo regime levou ao poder Stipe Mesic. No Montenegro, a alternância remonta à derrota, há três anos, de Momir Bulatovic, o protegido de Milosevic, em benefício de Milo Djukanovic, antigo chefe da polícia que se tornou o representante de uma alternativa democrática ao regime de Belgrado. Na Bósnia, as eleições municipais de Abril passado desenharam o princípio de um recuo do SDA, o partido nacionalista de Alia Izetbegovic, em benefício do partido social-democrata (na Grécia, Papandreou filho tinha mostrado o caminho ao demarcar-se das mobilizações nacionalistas de Papandreou pai).

As últimas eleições em Belgrado e Pristina não fizeram mais do que concluir o processo. A vitória de Kostunica não é apenas a derrota de Milosevic (que conseguiu o seu resultado habitual), mas sobretudo a do ultra-nacionalista Vojislav Seselj e do partido de Vuk Draskovic. O sucesso de Rugova deve-se também menos às suas qualidades intrínsecas de líder (cuja estratégia não-violenta falhou) que a uma rejeição dos herdeiros do UÇK, que não souberam fazer a transição da guerrilha para a democracia municipal.

Esta subida dos moderados permite prever uma estabilização da região, o avanço paralelo das transições democráticas e, no futuro, uma nova situação nos Balcãs: um cenário optimista, em que os dividendos da paz permitam ultrapassar a crispação entre a Sérvia e o Montenegro ou (na sequência das mudanças em Zagrebe e em Belgrado) uma nova margem de manobra para uma Bósnia-Herzegovina convalescente.

Mas se, ao fim de dez anos, a guerra parece afastada, é prematuro anunciar o regresso da Sérvia como pivot da cooperação regional. Basta, para o perceber, notar as reacções moderadas dos vizinhos da Sérvia à chegada de Kostunica ao poder. Isso deve-se, em parte, aos receios de que a Sérvia se torne o centro não apenas da atenção mediática mas também da ajuda internacional à reconstrução. Como aconteceu com a Bósnia na altura da intervenção no Kosovo, agora são os kosovares que temem o actual entusiasmo das organizações internacionais em ajudarem a vitória de Kostunica na Sérvia. Além da "inveja regional", há uma razão mais profunda para esta ambivalência. Enquanto Milosevic estava no poder, avançando metodicamente com a sua obra de

desestabilização regional, fechavam-se os olhos a muitas coisas que aconteciam nos vizinhos mais pequenos e mais fracos que se legitimavam internamente, e aos olhos da comunidade internacional, pela sua oposição ao regime de Belgrado. Com o desaparecimento deste alibi, a exigência democrática produz assim o seu trabalho de sapa junto de todos os sucessores da Jugoslávia.

Seria, sem dúvida, excessivo e injusto ironizar sobre os "orfãos inconfessados" de Milosevic nos Balcãs, mas um rápido inventário é suficiente para revelar até que ponto a chegada de Kostunica perturba e complica a tarefa dos seus vizinhos ex-jugoslavos.

O Presidente do Montenegro vê o seu projecto independentista comprometido pelo desaparecimento da ameaça de Belgrado, e fica perplexo perante a aliança formada no Parlamento federal pelos amigos de Kostunica e os adversários (pró-Milosevic) do Montenegro.

A Croácia esforçou-se durante cerca de uma década em afirmar uma identidade centro-europeia (e não balcânica), desconfiando que por detrás de qualquer projecto de cooperação regional estava uma tentativa de refazer a Jugoslávia. O seu novo Presidente, em nome da aproximação com a União Europeia, aceitou a organização em Novembro de uma cimeira europeia sobre os Balcãs, em Zagreb. A ironia do destino quis que esta cimeira, sob a presidência francesa, consagrasse simultaneamente o regresso da Croácia aos Balcãs e o regresso da Sérvia à Europa!

Mas é no Kosovo que o "efeito Kostunica" provoca uma mistura de indiferença fingida e de inquietação real: o projecto independentista, legitimado por dez anos de "apartheid" e de violência do regime Milosevic, parece ter sido posto em causa, no exterior, pela mudança democrática em Belgrado. E a vitória dos moderados do LDK no Kosovo não deve esconder o facto de que a independência foi o único tema da campanha e a razão da forte mobilização eleitoral.

A competição democrática entre Pristina e Belgrado (infinidamente preferível à dos nacionalismos radicais) deverá evitar alimentar duas ilusões perigosas. A primeira é a presunção de que aquilo que o nacionalismo autoritário separava, a democracia unirá. Nada disso no horizonte: Djukanovic boicotou a eleição de Kostunica que, por sua vez, não reconhece a dos amigos de Rugova no Kosovo. Os albaneses do Kosovo não participaram nas eleições jugoslavas, assim como os sérvios de Mitrovica boicotaram as municipais no Kosovo. O processo democrático consolida as linhas de divisão étnica e não conseguirá ultrapassá-las enquanto não existir consenso sobre o território em que se inscreve. A territorialização do político continua a preceder a consolidação da democracia. Quanto mais depressa se enfrentar esta questão, mais depressa os Balcãs poderão virar a página das guerras de dissolução jugoslavas.

A segunda ilusão seria a "comunidade internacional" pensar que, com a partida Milosevic, a Jugoslávia (mesmo residual) poderia ser ressuscitada. Se a renegociação de uma relação confederal com o Montenegro permanece em aberto, a questão do Kosovo deve ter em conta alguns factos "teimosos": desde a intervenção da NATO, o Kosovo foi completamente retirado à administração servo-jugoslava. Pensar que os militares e os polícias sérvios poderiam regressar é uma visão perigosa. Como diz Veton Suroi, director do "Koha Ditore", os albaneses não se deixariam governar novamente por Belgrado mesmo que os sérvios elegeassem a Madre Teresa à Presidência. A primeira decisão de uma assembleia democraticamente eleita no Kosovo, no próximo ano, será a declaração de soberania e independência. Colocar os kosovares numa situação de "autonomia substancial" no seio da Jugoslávia significaria comprometer a vitória dos moderados em torno de Rugova e abrir caminho a uma nova escalada da violência.

Kostunica poderá desfazer-se da ficção jugoslava e assim contribuir para libertar o nacionalismo sérvio (e albanês) da questão do Kosovo? Nada à partida o predispõe a esse papel. Nacionalista por convicção, e não (como Milosevic) por oportunismo político, jurista de formação que acaba de prestar o juramento de defender a Constituição jugoslava, poderá contentar-se, como fez em Moscovo, em repetir a posição de princípio sobre um Kosovo no seio da Jugoslávia, em conformidade com a resolução 1244, acreditando que o tempo favorecerá os sérvios, e que com a eleição de Bush é de prever um afastamento dos americanos da região.

Pode também evocar considerações táticas: uma coabitação governamental com o partido socialista de Milosevic, pouco propícia a revisões constitucionais. Kostunica deve a sua vitória à união do eleitorado nacionalista de Seselj e Vuk Draskovic. Não lhe convém comprometer os próximos desafios eleitorais com audácias incompreendidas. Kostunica pode, para parafrasear Churchill, dizer que não foi eleito para "presidir à dissolução do 'império' jugoslavo".

Quando se fala no seu nacionalismo, Kostunica gosta de evocar o do general De Gaulle. Mas não é De Gaulle quem quer. E se o Presidente jugoslavo está à procura de uma inspiração gaullista, é menos a do De Gaulle resistente que a do descolonizador que pôs termo à guerra da Argélia e à "Argélia francesa" que parece pertinente (não era André Malraux, então ministro do general, que dizia a um interlocutor jugoslavo nos anos sessenta: "O Kosovo é a vossa Argélia no meio de França").

Isto significa utilizar a forte legitimidade que rodeou a sua eleição para tomar uma decisão corajosa, mesmo que ela vá contra as expectativas do seu eleitorado: Kostunica em Mitrovica declarando "compreendi-vos" e de regresso a Belgrado pondo termo a uma década de guerras travadas por Milosevic sob a bandeira da Jugoslávia e antecipando o inevitável: uma independência do Kosovo condicionada pelo respeito por parte dos kosovares dos direitos das minorias e a sua rejeição implícita de qualquer projecto de Grande Albânia. A independência do Kosovo como preço a pagar para libertar a nova democracia na Sérvia do fardo da guerra e da ideologia nacionalista, abrindo assim caminho à reconciliação com os vizinhos e ao "regresso à Europa".

Será também uma resposta à mensagem mais profunda das eleições de Setembro na Sérvia: uma sociedade esgotada não apenas pelo poder arbitrário do último sobrevivente do antigo regime comunista, mas também pelo seu papel de eterna vítima autoproclamada, ostracizada pelas nações civilizadas. É uma sociedade em busca da "normalidade" depois de dez anos de fracassos bélicos, e o último desejo da juventude que garantiu a vitória de Kostunica é "morrer pelo Kosovo".

Kostunica tem um mandato democrático sem precedentes no seu país, a "Jugoslávia" acaba de ser readmitida na ONU, é o momento de fazer a aposta "gaullista" e começar por proclamar que a Jugoslávia já não existe.